

SUJEITO NULO NA AQUISIÇÃO: UM PARÂMETRO EM MUDANÇA – SUJEITO PREENCHIDO NA APRENDIZAGEM: A ETERNA TENTATIVA DE MUDANÇA

ABSTRACT: The aim of this paper is to explain away the research entitled “The null subject: not more acquired, but supposing learned”, that has been developing by me at UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Foz do Iguaçu – Brasil. This is a research that compares data, about syntactic subject, in language acquisition (of a 2 years old child) and in mother language learning of school age children. The purpose of this research is to argue my initial hypothesis: the acquired subject by the children is not null. And to inquire: “what does the school do with this children non-pro-drop parameters?”

KEY-WORDS: Null subject; principles and parameters; language acquisition.

1 O Parâmetro do Sujeito Nulo

Se considerarmos que as línguas naturais são um “dote” do ser humano e apenas dele e que todos os seres humanos possuem um mesmo “dote” lingüístico, poderíamos supor que todas as línguas são iguais. Entretanto, sabemos que essa suposição não é verdadeira. Há diferenças entre as línguas naturais de todo o mundo que não se restringem apenas a diferenças lexicais, fonéticas ou fonológicas, mas também, a diferenças na organização das palavras nas sentenças, na sintaxe. Como, então, explicar esse aparente paradoxo: todos os seres humanos possuem um mesmo aparato lingüístico (concepção **inatista** da aquisição da linguagem) e, ao mesmo tempo, determinados grupos se utilizam de códigos lingüísticos e de **estruturas sintáticas** diferentes para sua comunicação e interação?

Como se sabe, a Teoria Gerativa traz uma alternativa para essa questão. São as definições de “**princípios e parâmetros**”. Desde 1981, quando Chomsky propôs um modelo de gramática baseado em princípios e parâmetros, os estudos de variação e mudança lingüísticas, no âmbito da Teoria Gerativa, tomaram novos rumos. As línguas naturais, então, passaram a ser analisadas

* Docente do Centro de Educação e Letras da UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus Foz do Iguaçu.

em termos de Princípios Universais - responsáveis pelo que há de semelhante entre as línguas – e Parâmetros – responsáveis pela variação, isto é, pelo que as diferencia.

No que se refere ao estudo dos Parâmetros, um dos fenômenos que têm sido estudados é a possibilidade de algumas línguas apresentarem o sujeito nulo. Tal possibilidade diferencia, por exemplo, o Italiano, que o permite, do Inglês, que não o permite.

O parâmetro responsável por esse tipo de diferença entre as línguas é o famoso e discutido Parâmetro do Sujeito Nulo (CHOMSKY, 1981). Tem sido proposto como tendo sua particularidade básica definida em termos das propriedades flexionais das línguas: em línguas, como o Italiano, que têm o sistema flexional “rico”, o elemento *agreement* (concordância) permite a omissão do sujeito; línguas com *agr* “pobre”, caso em que se insere o Inglês, a omissão do sujeito não é permitida¹. Segundo Chomsky (1981), essa correlação com a flexão visível não precisa ser exata², mas há alguma propriedade abstrata de *agr* correlacionada mais ou menos com a morfologia visível, que distingue línguas *pro-drop* de *não-pro-drop*.

Com relação ao Português do Brasil, o que muitas pesquisas (por exemplo, Duarte (1995)) têm mostrado é que ele está deixando de licenciar o sujeito nulo referencial. Isso tem sido relacionado à redução na riqueza flexional sofrida por essa língua. No entanto, tem-se verificado na escrita um uso ainda significativo de sujeitos pronominais nulos (MAGALHÃES, 2000).

2 Sujeito Nulo? Onde?

A partir do contato com a tese de doutorado de Duarte (1995), valorizando o conteúdo de sua pesquisa e de outros que também têm-se interessado pela **pronominalização do sujeito** (FERREIRA, 2000), elaborei minha primeira pesquisa realizada com esse objeto de estudo (LAPERUTA, 2002) e verifiquei, dentro do modelo **Sociolinguístico Variacionista**, a presença ou ausência do sujeito nulo nas orações finitas, de um *corpus* composto por entrevistas de falantes da cidade de Londrina (no Norte do Paraná), para saber se, também

¹ Há ainda outras hipóteses (não abordadas aqui) a respeito da possibilidade que certas línguas têm de apresentarem categorias vazias (neste caso, o sujeito nulo) sem marcas de concordância, como o caso do Chinês (HUANG, 1982).

² Chomsky faz essa observação, baseado no fato de que há línguas que apresentam um sistema flexional misto, permitindo o apagamento do sujeito em algumas construções, mas não em outras (Hebraico, Irlandês).

naquela comunidade, a posição de sujeito tem sido preenchida por pronome.

Considerava ter um resultado que me permitisse afirmar que, também ali, o português está passando por um processo de mudança no que se refere à sua sintaxe pronominal e, além disso, que a realização foneticamente nula ou plena desse sujeito associa-se a contextos lingüísticos como, por exemplo, *pessoa gramatical* e *tipo de referência* expressos pelo sujeito.

Houve um resultado bastante satisfatório se comparado às hipóteses que eu havia levantado. Quase todos os fatores lingüísticos e extralingüísticos corresponderam a outras pesquisas já realizadas sobre parâmetro *pro-drop*.

Através das análises da variável **pessoa gramatical**, pude comprovar os resultados, uma vez que, no cômputo geral, a **segunda pessoa** aparece como a que possui maiores índices de sujeito pleno:

“*Eu sei que você³ é de Curitiba, mas você não torce pro Curitiba né?*” (*Pr Ld 19*).⁴

E a **terceira** pessoa, os menores. Considerei a hipótese de que a existência de um referente externo reforça os traços enfraquecidos por *agr*, como pode ser observado em outras pesquisas sobre o mesmo objeto (LIRA, 1982; TARALLO, 1985; DUARTE, 1995; MAGALHÃES, 2000). “Reforça” esses traços, mas não tem sido suficiente para o aparecimento do sujeito nulo, uma vez que mesmo as terceiras pessoas parecem estar precisando de Spec de IP⁵ preenchido (MAGALHÃES, 2000).

³ O pronome *tu*, de 2^a. pessoa, não é utilizado na região, por isso, foi considerado apenas o *você* como pronome pessoal de 2^a. pessoa.

⁴ Os exemplos foram retirados do *corpus* do projeto VARSUL (Variação Lingüística do Sul do País) e a abreviatura *PrLd* significa que são entrevistas do Paraná, da cidade de Londrina. Os números, na seqüência, indicam a entrevista de que foram extraídos (1 a 24).

⁵ Spec de IP – na linguagem da teoria gerativa, significa a categoria na qual se insere o sujeito.

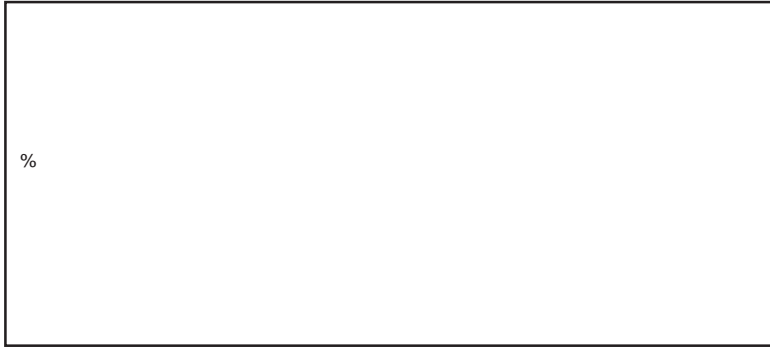


Gráfico 1: porcentagem de sujeito nulo por pessoa gramatical

É possível observar, pelo gráfico acima, que os menores índices de sujeito nulo aparecem na 2ª. pessoa (*você*) e os maiores aparecem nas 3ª. pessoas (mesmo assim, com percentuais abaixo de 50%).

A única exceção refere-se à **3ª pessoa arbitrária**, que ainda resiste com mais de 50% de sujeito nulo em orações finitas:

“É muda. É muda. (cv⁶) Planta, né? Faz-se a cova, (cv) planta ali, tá? (cv) Aduba” (Pr Ld 01)).

Galves (2001), que discorre sobre a interpretação das categorias vazias, embora afirme que *“a interpretação determinada ou indeterminada do sujeito nulo depende do contexto...”* (p. 48), demonstra, com exemplos, que são vários os casos em que o sujeito nulo em PB recebe interpretação indeterminada. Além disso, acredito que a inclusão, na amostra, das **orações coordenadas não iniciais**:

*“Sabe quando **você** sai às seis horas e (cv) chega só às cinco da tarde?... (PrLd21),*

e das orações que se fazem basicamente em português com sujeito nulo e verbo:

E: “Você lembra como é que foi? F: (cv) Lembro” (PrLd15)

tenham “enviesado” o resultado.

⁶ cv – categoria vazia. Neste caso, sujeito nulo.

Inclusão essa que não significa “erro”, mas surge a partir de uma noção intuitiva de indícios de mudança também nesses contextos, tidos como ambientes categóricos de sujeito nulo. Sobre essa “noção intuitiva”, posso afirmar, baseada nos dados estatísticos, que se trata de algo mais do que uma simples intuição. Como já foi dito, se, até em línguas não *pro-drop*, as **orações coordenadas não iniciais** com sujeito correferente possuem sujeito nulo, línguas *pro-drop*, como “ainda” é considerado o PB, deveriam, obrigatoriamente, ter sujeito nulo nessas orações. Entretanto, observei que, do total dos sintagmas (inseridos em coordenadas não iniciais) analisados, 46% têm sujeito pleno. Observe os exemplos:

“... você vai na igreja, você ora, você pede a palavra, você sente de ficar com Deus” (PrLd03).

“Ela mora em Curitiba, ela está lá agora, sabe? Morando lá”. (PrLd 02).

“A gente saía no sábado e a gente chegava lá no domingo à tarde. Daí a gente voltava pra casa, né?” (PrLd 07).

A resistência do **pretérito perfeito** à mudança mais que os outros tempos (inclusive nas orações coordenadas não iniciais), a destacada correlação entre preenchimento e **orações subordinadas**, especificamente as **relativas** e a quase irrelevância da **transitividade** para o preenchimento do sujeito comprovam que os falantes londrinenses possuem a mesma tendência à perda da propriedade de sujeito nulo, observada por Duarte (1995), em outra variedade geográfica do português brasileiro.

O fator **animacidade** do referente do sujeito de 3ª pessoa também mostrou que o sujeito nulo é preferido quando o referente for [-animado], como esperado:

“...então acho que (falando da novela) (ec) não terminou não, viu? Não é possível terminar assim, então, (ec) não teve fim, sabe?” (PrLd 02)

Mas com um resultado interessante: o fato de ter apenas 23% de sujeitos nulos com o grupo que possui 2º grau completo e esse grupo ser, em sua maioria, composto de falantes do grupo etário mais jovem mostra que (pelo menos com relação a essa variante) existe uma evidência de mudança.

O **sujeito duplo** é, sem dúvida, um dos mais fortes indícios de mudança:

“É..., o meu cunhado, ele ia namorar a minha irmã, quando tudo aconteceu” (PrLd 13).

Segundo Kato (1999), a mudança no paradigma flexional tornou o *agr* do PB [-pronominal], “não sendo mais possível licenciar o sujeito nulo via morfologia verbal”. Isso fez com que surgisse um paradigma de “pronomes fracos” visíveis no PB que passaram a ser duplicados pelos nominais fortes, dando origem à duplicação do sujeito.

O fator **faixa etária**, porém, contradisse minhas hipóteses, uma vez que o grupo de falantes mais velhos, no cômputo geral, utilizou-se mais de sujeito pleno do que o grupo dos mais jovens. As demais pesquisas tinham demonstrado que os falantes mais velhos preenchem menos o sujeito que os mais jovens, o que, verdadeiramente, denotaria mudança lingüística.

3 A Escolaridade

Entretanto, essa contradição cai por terra se se considera sua correlação com a variável **escolaridade**. Para Magalhães (2000), a escola é o grande contribuinte para que o falante “aprenda” sujeito nulo: ele **adquire** a língua materna com sujeito pleno e **aprende** que não deve preencher essa categoria, quando de sua escolarização. O que também foi observado é que os falantes mais velhos possuem menos escolarização do que os mais jovens e, por esse motivo, pôde-se inferir que essa escolarização seria a responsável pela categoria vazia na posição do sujeito.

Os resultados referentes ao fator **sexo** também, aparentemente, mostraram-se incoerentes, uma vez que, como pode ser comprovado em pesquisas sociolingüísticas (OLIVEIRA; SCHEERE, 1996), são as mulheres que tomam a frente da mudança e, portanto, deveriam ser elas as maiores responsáveis pelo aparecimento do sujeito pleno. Porém, uma vez considerando que as mulheres são mais conservadoras em relação a formas mais prestigiadas (PAIVA, 1996) e conjecturando que a variante *sujeito nulo* é prestigiada, uma vez que é *aprendida* na escola, não vejo incoerência; pelo contrário, encontro uma justificativa para esse resultado.

Considerando a relevância desses resultados (que, apenas aparentemente, são contraditórios), imaginei que seria interessante continuar pesquisando esse objeto de estudo em outra Região do português falado no Brasil. Assim, estou iniciando uma pesquisa que considera **uma correlação**

entre aquisição da linguagem (sob a luz do inatismo) e aprendizado de língua – com objeto de estudo “o sujeito” – na cidade de Foz do Iguaçu (também no Paraná).

4 Aquisição de Língua Materna *Versus* Aprendizagem de Língua que “se diz” Materna

Para um estudo cujo objetivo é verificar como um mesmo fenômeno se comporta na **aquisição da linguagem oral** e na **aprendizagem da linguagem escrita**, faz-se necessário explicitar a diferença que envolve essas duas modalidades. Por essa razão, especifico abaixo como estou entendendo aquisição e aprendizagem.

Aquisição de língua materna é o processo pelo qual o falante entra em contato com a língua por meio de um “input” natural externo. Na aquisição da linguagem, a criança precisa

estar inserida no ambiente lingüístico da língua que está adquirindo e não ter ultrapassado o período crítico, para ter as informações necessárias para desenvolver o sistema lingüístico correspondente a essa língua (MAGALHÃES, 2000, p. 78).

Não é necessário que indiquem para ela quais os caminhos a seguir nesse percurso. Assume-se, portanto, que adquirir a fala é algo biológico da espécie humana, um processo natural, no sentido de que ela se desenvolve sem a necessidade de correções ou instruções. Já **aprendizagem** é o processo em que há algum tipo intervenção ou estímulo externo (KATO, 1999). A aprendizagem da escrita, por sua vez, é uma “habilidade cultural durante a qual o aprendiz, normalmente, necessita de ajuda para descobrir de quais mecanismos ele pode dispor para usá-la de uma forma eficiente” (MAGALHÃES, 2000).

A criança, que já passou pelo processo de aquisição, vai para a escola com um conhecimento gramatical de língua materna (Gramática-I⁷) pronto e, muitas vezes, ao chegar à escola, é apresentada a formas que não correspondem àquelas que ela adquiriu. Mesmo diante de formas diferentes, a criança vai utilizar o conhecimento de que já dispõe e a escola vai tentar reprimir esse uso através das correções, pois esse conhecimento não condiz com aquele exigido

⁷ Gramática-I (gramática internalizada): nos termos da Teoria Gerativa, é o mecanismo, o conjunto de regras que é dominado pelos falantes e que lhes permite o uso normal da língua – individual – aquela que desenvolvemos quando crianças.

pela Gramática Normativa para a escrita. Como consequência, têm-se produções escritas com uma mistura de formas que reflete o conhecimento da gramática que o aluno leva para a escola (sua Gramática-I) e das regras que lhe são ensinadas durante o processo de ensino-aprendizagem.

Se o PB está passando por um processo de mudança com relação ao uso de sujeito nulo (DUARTE, 1995) e, se é a criança que detona o processo de mudança (LIGHTFOOT, 1991), minha expectativa, assim como em Magalhães (2000), é de que a produção oral da criança apresente um índice de pronomes plenos mais altos do que aqueles apresentados pelos dados da escrita. Tal resultado mostraria que o processo de mudança no PB, com relação ao uso de sujeitos pronominais nulos, já estaria implementado e que sua gramática já se encontraria estável. Portanto, os sujeitos pronominais nulos encontrados na escrita seriam, realmente, frutos da aprendizagem escolar.

5 Propósitos do Trabalho

Minha proposta, nesta pesquisa, é então, observar o uso dos sujeitos pronominais nulos *vs* plenos na fala de uma criança em **fase de aquisição** e na **escrita escolar**. O objetivo é **verificar se as restrições encontradas na língua oral são ainda verificadas durante a escolarização** e, caso isso não se verifique, **buscar os fatores que determinam a ocorrência do sujeito pronominal nulo *vs* pleno na escrita**.

Entre outras, em princípio, procurarei responder às seguintes perguntas, que trarão os resultados da pesquisa:

- ✦ O que a criança traz de sua gramática-I para a escola?
- ✦ A escola consegue reverter quantitativamente as inovações apresentadas pela gramática do PB com o processo de mudança?
- ✦ Como o sujeito nulo se desenvolve durante a escolarização, isto é, ele apresenta as mesmas restrições encontradas na fala e na intuição do falante adulto?

6 Caminhos a serem Percorridos

Para verificar o uso que se faz do sujeito nulo e não nulo na oralidade da criança e na escrita dos escolares, utilizarei a metodologia da **Sociolinguística Quantitativa** para o levantamento dos condicionamentos linguísticos e extralinguísticos.

A **Sociolinguística Quantitativa** é um modelo teórico-metodológico que, embora não tenha sido criado por Labov, foi por ele sistematizado. Foi ele quem mais “veementemente”, segundo Tarallo (1997), insistiu na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de sistematizar a variação existente e própria da língua falada, língua essa que pode ser definida como o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face (TARALLO, 1997). Essa *língua* é o que constitui o objeto de estudo desse modelo, o material básico para a análise sociolinguística. Esse modelo é chamado “quantitativo” porque opera com números e tratamento estatístico dos dados coletados.

O *corpus* para esta pesquisa está sendo coletado. Primeiramente, foi realizada a coleta de 12 textos produzidos por alunos e alunas da primeira fase do Ensino Fundamental (2^a. e 3^a. séries) em uma escola pública da cidade de Foz do Iguaçu. E, no presente momento, estou coletando os dados orais de uma criança de 2 anos e 5 meses. Para isso, estão sendo feitas gravações da fala da criança em situação informal.

Farei, então, um estudo, em tempo aparente⁸, do uso dos pronomes nulos e plenos, com intuito de investigar quais sujeitos preenchidos constituem inovações da criança em relação aos dados da escrita, para verificar qual o papel da **aprendizagem** no uso de sujeitos nulos que aparece nessa modalidade.

Depois da análise, serão computados os dados (tanto os orais, como os escritos). Para isso, utilizarei o programa computacional VARBRUL, uma ferramenta da informática, que atribui porcentagens relativas à variável dependente ‘*sujeito nulo vs sujeito pleno*’ e pesos relativos, referentes ao preenchimento do sujeito, a cada um dos fatores citados, além de realizar também cruzamentos entre os fatores independentes.

7 Contribuições

Considerando que os dados linguísticos que serão analisados nessa pesquisa são de uma criança nascida na cidade de Foz do Iguaçu, em fase de aquisição, a análise certamente trará uma mostra de como está acontecendo esse processo de mudança linguística (no que se refere ao sujeito sintático) especificamente nessa Região brasileira que, por questões sócio-culturais, é um ambiente linguístico mais heterogêneo e diversificado que muitos outros lugares do país.

No que se refere à questão extralinguística, como já disse, tenho como

⁸ Para maiores esclarecimentos de tempo aparente, vide TARALLO (1997).

hipótese (baseada em outras pesquisas) que a criança adquire a linguagem com a categoria sujeito preenchida e, na escola, é “ensinada” que não deve preencher essa categoria porque a flexão verbal é suficiente para indicar a pessoa e o número gramaticais. A análise dos textos escritos de crianças em idade escolar verificará a função da escola na “correção” da aquisição da linguagem. Ou seja, o **quanto** e **como** a escola ainda desconhece das mudanças que ocorrem na língua.

Referências

- CHOMSKY, Noam. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris, 1981.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. **A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro**. 1995. ... f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.
- FERREIRA, Marcelo Barra. **Argumentos nulos em português brasileiro**. 2000. ...f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- GALVES, Charlotte. **Ensaio sobre as gramáticas do português**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.
- KATO, M. A. “Aquisição e Aprendizagem da Língua Materna: de um saber inconsciente para um saber metalingüístico.” In MORAES, J.; GRIMM-CABRAL (orgs) **Investigações à Linguagem**: ensaios em homenagem a Leonor Scliar-Cabral. Florianópolis: Editora Mulher, 1999.
- LAPERUTA, Maridelma. **A realização do sujeito pronominal**: um estudo sociolingüístico paramétrico para a cidade de Londrina – Norte do Paraná. 2002. ...f. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista: Araraquara, 2002.
- LIGHTFOOT, David. **How to set parameters**: arguments from language change. Massachusetts: The MIT Press, 1991.

- LIRA, Solange de Azambuja **Nominal, pronominal and zero subject in brazilian portuguese**. 1982. Tese (Doutorado) - University of Pennsylvania: University Microfilms International. 1982.
- MAGALHÃES, Telma Moreira Vianna. **Aprendendo sujeito nulo na escola**. 2000. ...f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2000.
- OLIVEIRA SILVA, Giseli Machline de; SCHERRE, Martha Maria Pereira. (Org.) **Padrões sociolingüísticos** : análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- PAIVA, Maria Conceição. Sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília. (Org) **Introdução à sociolingüística variacionista**. 3 ed. Rio de Janeiro. UFRJ (Cadernos Didáticos), 1996.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. 6 ed. São Paulo: Ática, 1997.
- TARALLO, Fernando. The filling of the gap: PRO-DROP rules in Brazilian Portuguese. In L. D. KING; C. A. MALEY (Eds.) **Selected papers from the XIIIth Linguistic Symposium on Romance Languages**. Chapel Hill, N.C., 24-26 March 1983. Published as **Current Issues in Linguistic Theory**, 36. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1985.

